



EXPOSIÇÃO

**PODE O MUSEU SER
UM JARDIM?**

**OBRAS DA COLEÇÃO
DE SERRALVES**

06 FEV - 13 SET 2015

INVERNO / PRIMAVERA

06 FEV – 26 ABR 2015

Vasco Araújo, Richard Artschwager, Herbert Brandl, Stanley Brouwn, Lourdes Castro, Rui Chafes, Charles Darwin, Jan Dibbets, Fischli & Weiss, Simone Forti, Hamish Fulton, Mario Garcia Torres, Hans Haacke, Jasper Johns, Ana Jotta, Raoul De Keyser, Anselm Kiefer, Álvaro Lapa, Louise Lawler, Miguel Leal, Ree Morton, Juan Muñoz, Lucia Nogueira, Luís Noronha da Costa, Lygia Pape, Sigmar Polke, Robert Smithson, Ângelo de Sousa, Paul Thek, Richard Tuttle.

PRIMAVERA / VERÃO

29 ABR – 13 SET

Vasco Araújo, Richard Artschwager, Herbert Brandl, Stanley Brouwn, Fernando Calhau, Alberto Carneiro, Lourdes Castro, Rui Chafes, Luisa Cunha, Charles Darwin, Jan Dibbets, Fischli & Weiss, Simone Forti, Hamish Fulton, Mario Garcia Torres, Jasper Johns, Ana Jotta, Raoul De Keyser, Anselm Kiefer, Fernando Lanhas, Álvaro Lapa, Louise Lawler, Miguel Leal, Juan Muñoz, Lucia Nogueira, Luís Noronha da Costa, Sigmar Polke, João Queiroz, Dieter Roth, Robert Smithson, Ângelo de Sousa, Paul Thek, Richard Tuttle.

PODE O MUSEU SER UM JARDIM?

OBRAS DA COLEÇÃO DE SERRALVES

O museu, como o jardim, é um lugar de deambulação e contemplação. Com a sua flora e o seu artifício, o jardim é um espaço de cultivo e prazer mas também uma ideia, uma metáfora, um ponto de interseção entre natureza, cultura e ciência. Passeando num museu, vemos desenrolar-se perante nós uma narrativa cujos muitos ribeiros e veredas ligam o conhecimento aos sentidos. Bravio ou maneirista, formal ou pitoresco, o jardim, como o museu, é lugar de experiência e afeto, um espaço onde somos convidados a deambular através de uma paisagem em perpétuo crescimento, com formas, objetos e cores ordenados no espaço. Tal como o jardim representa a organização racional do mundo natural, assim também uma exposição é um jardim de imagens, ideias e emoções. Ambos os lugares entrelaçam o passeio com a imaginação

“Pode um museu ser um jardim?” aborda estas relações concetuais e históricas entre o jardim e o museu. Enquanto algumas obras provenientes da Coleção de Serralves versam diretamente ideias de paisagem e natureza – desde o uso de materiais naturais ao movimento das plantas –, outras tratam o jardim como uma metáfora expandida do modo como vemos o mundo. Para esta exposição, junto destas obras da Coleção, foram “plantados” no Museu trabalhos de Hans Haacke e Louise Lawler, quais novas espécies que crescem ao lado do jardim bem cuidado que a coleção de um museu representa. Tal como um jardim, a exposição “Pode um museu ser um jardim?” mudará com as estações do ano.

Relacionando o espaço exterior do jardim com o espaço interior do museu, a exposição reflete também o cenário único do Parque de Serralves, concebido por Jacques Gréber, e a arquitetura do Museu de Serralves, desenhado por Álvaro Siza. “Pode um museu ser um jardim?” encara o museu como um lugar de deambulação e devaneio, nele delineando novos caminhos, e o ato de caminhar como uma prática estética e contemplativa. Como devemos caminhar dentro de um museu? Devemos pôr os pés ao caminho e explorar? Correr, perdermo-nos? Ou deixarmo-nos conduzir pelos nossos sentidos e a nossa curiosidade?

João Ribas, Diretor Adjunto do Museu e curador da exposição

Os textos que se seguem, da autoria do filósofo Francis Bacon, do poeta, filósofo, historiador e naturalista Henry David Thoreau, do arquiteto Álvaro Siza Vieira, da poetisa Sophia de Mello Breyner Andresen e da artista Luisa Cunha, fazem parte da pesquisa e dos materiais discursivos, poéticos, arquitetónico e pedagógico para a exposição.

DOS JARDINS

Francis Bacon

(...) Um jardim é o mais puro dos prazeres humanos. Nada há de mais refrescante para a alma humana; sem jardim todos os edifícios e palácios não passam de obras grosseiras. E qualquer um verá que, à medida que os séculos crescem em civilização e elegância, o homem começa a construir edifícios imponentes mais rapidamente do que a criar jardins – como se na arte dos jardins residisse a mais alta perfeição. Tenho para mim que, na regulamentação régia dos jardins, deveria haver jardins para todos os meses do ano, de maneira que em cada um se encontrassem vários dos produtos mais belos da época. Para dezembro e janeiro e a última parte de novembro, deve haver plantas que permaneçam verdes todo o Inverno: o azevinho, a hera, o loureiro, o zimbro, o cipreste, o teixo, o ananás, o abeto, o rosmaninho, a alfazema, a pervinca-branca, púrpura e azul, a carvalhinha, o lírio; as laranjeiras, os limoeiros, a murta quando abanados; e a manjerona, plantada ao sol. Seguem, para o final de janeiro e fevereiro, o mezereão, que floresce nessa altura; o *Crocus vernus* amarelo e cinzento, a primavera, a anêmona, as tulipas precoces, o *Hyacinthus orientalis*, o lírio e a fritilária. Em março, chegam as violetas, especialmente a azul simples, que é a mais precoce; o narciso amarelo; a margarida branca, as flores de amendoeira, de pessegueiro, de corniso, a rosa-mosqueta. Seguem-se, em abril, a violeta-branca dobrada, o goiveiro, o goiveiro--encarnado, as primaveras, as flores-de-lis e as açucenas de toda a espécie, as flores do rosmaninho, a tulipa, a peónia dobrada, o narciso-pálido, o sanfeno, as flores da cerejeira, do abrunheiro e da ameixeira, do pilriteiro, o lílãs. Em maio e junho será a vez dos cravos de toda a espécie, sobretudo o *blush pink*; todas as espécies de rosas, exceto a *Rosa moschata*, que vem mais tarde; a madressilva, o morango, a buglossa, a aquilégia, o cravo--túnico, a cerejeira em fruto, a groselheira, a figueira em fruto, o framboeseiro, a flor da videira, a segurelha de flores brancas, a *Herba muscaria*, o lírio--do-vale, a macieira em flor. Em julho chegam os goiveiros de todas as variedades, a *Rosa moschata*, a flor de tília; peras, ameixas e maçãs precoces. Em agosto, as ameixeiras de todas as espécies em fruto, as peras e os damascos, o espinheiro-vinhedo, as avelãs, os melões, os acónitos de todas as cores. Em setembro, as uvas, as maçãs, as papoilas de todas as cores, os pêsegos, os alperces, as nectarinas, os cornisos, as peras de Inverno, os marmelos. Em outubro e no começo de novembro, as sorveiras, as nêspersas, as ameixas selvagens, as rosas tardias, as malvas-rosas, etc. (...).

E, como o aroma das flores é muito mais suave no ar (onde ele vai e vem, como os trinados da música) do que na mão, nada há mais adequado para obter esse deleite do que conhecer quais as flores e as plantas que melhor perfumam o ar. As rosas de Damasco e as rosas vermelhas são as flores de mais firme perfume, de tal maneira que podemos passar por um canteiro cheio delas sem de todo notarmos a sua doçura, nem que seja de manhã cedo. As folhas do loureiro tão-pouco exalam perfume enquanto crescem, o rosmaninho, pouco, a manjerona também não. A planta que, mais do que todas as outras, espalha pelo ar o mais suave perfume é

a violeta, especialmente a branca dobrada, que floresce duas vezes por ano, em meados de abril e no S. Bartolomeu. A seguir é a *Rosa moschata*. Depois, as folhas cadentes do morangueiro, que exalam um aroma extraordinariamente vigorante. Depois a flor da vinha, que é como um leve pó, parecido com o da agróstia, e que cresce sobre o bago quando ele brota. Depois a rosa-mosqueta. Depois os goiveiros, que são encantadores e próprios para as janelas de uma saleta ou de um quarto no rés-do-chão. Enfim, os craveiros, especialmente o *matted pink* e as cravinas. Depois as flores da tília. Depois as madressilvas desde que um pouco afastadas. Das flores das favas não falo, porque são flores do campo. Mas as que perfumam o ar de forma mais deliciosa, não como as outras quando passamos junto delas mas quando as calcamos e esmagamos, são três: a pimpinela, o tomilho-serpão e a hortelã. Devemos, pois, cultivar grandes canteiros destas flores, para as gozardes enquanto passeamos ou as calcamos.

Francis Bacon, “Dos jardins”, in *Ensaios* (1625). Tradução de João Almeida e Maria Ramos, a partir da edição inglesa, ‘On Gardens’, ed. Charles Davis, disponível em <http://archiv.ub.uni-heidelberg.de/artdok/617/1/Davis_Fontes18.pdf>, Fontes – E-Sources and Documents for the History of Art 1350-1750, arthistoricum.net, 12 out. 2008 (acesso a 3 dez. 2014)

CAMINHAR

Henry David Thoreau

Só uma ou duas pessoas encontrei na vida que compreendiam a Arte de Caminhar, ou seja de dar passeios – que tinham, por assim dizer, o talento do *sauntering*, palavra formosamente derivada das “pessoas ociosas que na Idade Média percorriam terras e pediam esmola com o pretexto de ir à la Sainte Terra, à Terra Santa”, o ponto de as crianças gritarem: “Olha, um *Sainte-Terrer*”, um *Saunterer* – um que vai à Terra Santa.

(...)

Como é natural, ao caminhar dirigimo-nos para os campos e bosques; o que seria de nós se apenas passeássemos em jardins e avenidas? Seitas de filósofos houve que sentiram necessidade, por não irem ao bosque, de trazê-lo para junto de si. “Plantaram sebes e alamedas de plátanos”, e sob colunatas expostas ao ar deram largas às suas *subdiales ambulationes*. Como é evidente, de nada vale dirigir os nossos passos para os bosques se eles próprios não nos levarem até lá. Sinto-me alarmado quando me acontece percorrer com o físico uma milha no interior dos bosques, e o meu espírito lá não estar. Bem satisfeito ficaria se esquecesse com o passeio da tarde todos os afazeres da manhã e as obrigações sociais. Porém, muitas vezes não é fácil desembaraçarmo-nos da aldeia. Na cabeça põe-se-me a correr um pensamento relacionado com um trabalho qualquer, e não fico no sítio onde o meu corpo está – fico exterior aos sentidos. Bem gostaria de recuperar os sentidos enquanto passeio. O que terei para fazer nos bosques se pensar em algo exterior aos bosques? Ponho-me a duvidar de mim próprio e não consigo deixar de ter um arrepio por me ver tão implicado naquilo a que chamamos “boas ações” – e às vezes isso acontece-me.

(...)

Porque é às vezes tão difícil decidir até aonde vamos passear? Acredito que há na Natureza um subtil magnetismo e [que] ele nos leva, se inconscientemente lhe cedermos, ao sitio certo. Não é indiferente a direção que tomamos ao caminhar. O bom caminho existe, mas por descuido e estupidez somos muito atreitos a tomar o mau. Sentiríamos satisfação em escolher determinado passeio que nunca demos neste mundo real e é símbolo perfeito do caminho que gostaríamos de seguir no mundo interior e ideal; mas não há dúvida de que às vezes sentimos dificuldade em escolher a nossa direção por ainda a não termos nítida na mente.

Henry David Thoreau, in *Caminhar* (1851), trad. António Moura, Lisboa: Hiena, 1995, pp. 21, 26-27, 35.

MUSEUS

Álvaro Siza Vieira

Nos Museus, a luz faz-se doce, cuidadosa, impassível de preferência, e imutável. É preciso não ferir, é preciso não ferir os cuidados de Vermeer, não se deve competir com a violenta luz de Goya, ou a penumbra, não se pode desfazer a quente atmosfera de Ticiano, prestes a extinguir-se, ou a luz universal de Velasquez ou a dissecada de Picasso, tudo isso escapa ao tempo e ao lugar no voo da Vitória de Samotrácia.

A arquitetura do Museu não pode ser senão clássica, provavelmente, distante ou cuidadosa em relação à Geografia e à História; a própria rampa de Lloyd Wright imobiliza-se subitamente. Surgem no telhado invisíveis fabulosas máquinas de controlo, acessíveis por alçapões, por escadas de bombeiro, cobertas de pó e de teias de aranha e de pontes reservadas, máquinas que dizem à luz, ao sol e às invenções: para, entra na ponta dos pés, silêncio, o que iluminas resistiu à tua violência, ao teu percurso de monótona novidade e demasiado rápido, ousou resistir, pretende resistir. Concede benevolência ao que os homens fazem com as mãos e nasce de ti, adorando-te e imobilizando a tua impaciência. Concede aos homens que se movam nestes espaços serenamente, esquecendo-te, viajante imperturbável que cria e mata sem maldade nem bondade.

Assim é a arquitetura dos Museus, idealmente sem paredes, nem portas, nem janelas, nem todas essas defesas por demais evidentes, pensadas e repetidas, Museus que recolhem o que esteve em palácios, ou igrejas, ou cabanas, ou sótãos, coberto de glória ou de pó, dobrado sob o colchão de uma enxerga, e agora silenciosamente me observa, sob uma luz indiferente ao que se move demais.

Porto, fevereiro de 1988

Texto publicado originalmente em versão francesa como "Musées", *L'Architecture d'aujourd'hui* (Paris), n.º 278 (dez. 1991), p. 66.

O JARDIM

O jardim está brilhante e florido.
Sobre as ervas, entre as folhagens,
O vento passa, sonhador e distraído,
Peregrino de mil romagens.

É Maio ácido e multicolor,
Devorado pelo próprio ardor,
Que nesta clara tarde de cristal
Avança pelos caminhos
Até os fantásticos desalinhos
Do meu bem e do meu mal.

E no seu bailado levada
Pelo jardim deliro e divago,
Ora espreitando debruçada
Os jardins do fundo do lago,
Ora perdendo o meu olhar
Na indizível verdura
Das folhas novas e tenras
Onde eu queria saciar
A minha longa sede de frescura.

Sophia de Mello Breyner Andresen, in *Dia do Mar* (1947), 7.ª ed., Lisboa: Assírio & Alvim, 2014.

© Herdeiros de Sophia de Mello Breyner Andresen

© Porto Editora

PALAVRAS PARA JARDINS

Não consegues desenhar. Dizes que não consegues desenhar. Gostarias de conseguir desenhar. Vês. Vês coisas. Vês pessoas. Vês pessoas movendo coisas. Vês pessoas movendo pessoas. Vês coisas que não se movem de modo algum. Vês coisas movidas por pessoas. Vês coisas que se movem sem notares. Tu notas que elas se moveram mas só algum tempo mais tarde. Elas estiveram a mover-se todo o tempo. Regressas e elas estão mudadas. E então dizes: “Elas cresceram”. E elas continuam a crescer sem que o vejas. E regressas mais tarde. Tu então vês que elas já lá não estão. E dizes: “Elas desapareceram”. Relva. Consegues desenhar relva. Em infindáveis folhas de papel. Começando onde quiseses. Não interessa. Indo para onde quiseses. Não interessa. Tocas a superfície do papel com um movimento rápido e intenso da tua mão. Para no ponto de toque. Apercebes-te do que acabaste de fazer e dizes: “Eu desenhei um ponto. Eu estou agarrado a este ponto. Para onde vou daqui?”. Segue numa direção qualquer. Deixa que a intensidade do teu gesto se esbata deixando para trás uma curta linha ligeiramente curva que se vá esbatendo. Desenha outro ponto intenso. Deixa-o esbater-se ao longo de outra linha ligeiramente curva que se vá esbatendo projetada noutra direção. E outro ponto intenso que se vá esbatendo ao longo de outra linha ligeiramente curva agora projetada noutra direção. E outro ponto ao longo de outra linha noutra direção qualquer. E outro ponto e outra linha outra vez noutra direção. E outra vez e outra vez e outra vez. Olhas. E dizes: “Está a crescer”. E vais em todas as direções. Intercetando as curtas linhas ligeiramente curvas que se esbatem e surgem de pontos intensos plantados por toda a parte. E dizes: “A relva está a crescer depressa”. Então paras por um momento. Olhas para a relva no chão e dizes: “Há um espaço livre aqui”. E enche-lo de relva. Depois notas outro espaço vazio deste lado e outro daquele lado e depois outro à esquerda e outro a sul e um outro a sudeste. Vais continuando a plantar relva até o chão ficar todo ele coberto. Observas a paisagem. E então dizes: “Está tudo verde e macio”.

Luisa Cunha, texto da sua instalação *Words for Gardens* (2006–07); versão portuguesa da artista

LISTA DE OBRAS

VASCO ARAÚJO

O Jardim, 2005

Vídeo, cor, som, 9'4"

Ed. 3/5 + 2 A.P.

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 2007

RICHARD ARTSCHWAGER

Locations [Localizações], 1969

Fórmica sobre madeira, madeira, vidro, espelho, acrílico, crina de cavalo impregnada de borracha com ácido metanóico (6 elementos)

Ed. 39/90

Instalação: dimensões variáveis

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1998

HERBERT BRANDL

Sem título, 2003

Óleo sobre tela, 140,5 x 260 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação do artista 2004

STANLEY BROUWN

Steps, Amsterdam: Stedelijk Museum

Amsterdam, 1971

36 [f.], 14 x 21 cm

Coleção de Livros e Publicações de Artista da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

STANLEY BROUWN

A distance of 336 steps, Amsterdam:

Netherlands Foundation for Visual Arts, 2000

102 [f.], 16 x 16 cm

Coleção de Livros e Publicações de Artista da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

STANLEY BROUWN

On 2 march stanley brown will walk

a total distance of x feet, Luxembourg:

Casino Luxembourg-Forum d'art

contemporain, 2001

62 [f.], 16 x 16 cm

Coleção de Livros e Publicações de Artista da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

STANLEY BROUWN

1m x 1m, Frankfurt am Main, Rotterdam:

Portikus Center for Contemporary Art, 1993

102 [f.], 16 x 16 cm

Coleção de Livros e Publicações de Artista da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

STANLEY BROUWN

1x1 step: 1x1m, Antwerp: Yves Gevaert, 1986

Capa (50 x 25 cm), constituído por duas

folhas de papel dobradas (74 cm e 1 m)

Coleção de Livros e Publicações de Artista da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

FERNANDO CALHAU

71 (Time-Space), 1976

36 provas heliográficas sobre papel

heliográfico, 180 x 240 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1999

ALBERTO CARNEIRO

Escultura dentro da floresta, 1968–69

Ferro, madeira, corda, fotografia p/b

200 x 100 x 600 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1991

ALBERTO CARNEIRO**Os 4 elementos**, 1969-70

Ferro, plástico, provas fotográficas sobre papel, laranja, água, terra, carvão
200 x 200 x 200 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1999

LOURDES CASTRO**Sombras à volta de um centro (Lilases II)**, 1980

Lápis de cera sobre papel, 50 x 66 cm
Coleção LC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 2003

LOURDES CASTRO**Sombras à volta de um centro (Geranium Robert)**, 1984

Tinta-da-china e lápis de cor sobre papel
38,5 x 57 cm
Coleção LC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 2003

LOURDES CASTRO**Sombras à volta de um centro (Miosótis)**, 1984

Lápis sobre papel 37,5 x 55 cm
Coleção LC, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 2003

LOURDES CASTRO**Tomateiro**, n.d.

Serigrafia
Ed. 41/100
65,5 x 50,4 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação da Galeria 111 1989

RUI CHAFES**Tudo sobre as pequenas sécias VIII**, 1988

Ferro 10 x 19 x 10 cm
Col. Ivo Martins, em depósito na
Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

LUISA CUNHA**Words for Gardens [Palavras para jardins]**, 2006-07

Banco de jardim, auscultadores, leitor de CD, voz gravada (5'42", loop)
Dimensões variáveis
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 2009

CHARLES DARWIN**The Power of Movement in Plants**, New York: D. Appleton and Company, 1900

591 p., 31 x 14 cm
Biblioteca da Fundação de Serralves, Porto

JAN DIBBETS**Structure Piece – Leaves (1) [Peça estrutura – Folhas (1)]**, 1974

Montagem de fotografias a cores, 40,5 x 200 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 2005

FISCHLI & WEISS**Musée d'art moderne de la Ville de Paris**,

Cologne: Buchhandlung Walther König, 1999
41 fólios, 27,5 x 20 cm
Coleção de Livros e Publicações de Artista da Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto

FISCHLI & WEISS**Treppen [Degraus]**, c. 1987

Borracha, 34 x 86 x 49,5 cm
Coleção privada, em depósito na
Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto 1995

SIMONE FORTI

Solo No. 1, 1974-75

Vídeo, p/b, som, 4:3, PAL, 19'30", Col.
Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 1999

HAMISH FULTON

**The Outlines of Seven Stones for:
Seven Days Walking Seven Nights
Camping (Serra da Estrela, Portugal) [Os
contornos de sete pedras para: Sete dias
a caminhar sete noites a acampar (Serra
da Estrela, Portugal)], 1994**

Carvão sobre papel, 15 x 21 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2013

HAMISH FULTON

**Outline of a Mountain Rock from the
Basque Pyrenees [Contorno de uma rocha
de montanha dos Pirinéus Bascos], 2001**

Carvão sobre papel, 15 x 21 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2013

MARIO GARCÍA TORRES

**A Brief History of Jimmie Johnson's
Legacy [Uma breve história do legado de
Jimmie Johnson], 2006**

Vídeo, cor, som, 5'45"

Ed. 2/5

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2008

HANS HAACKE

Grass Grows [A relva cresce], 1967/69

Terra, relva 123 x Ø 204 cm
Coleção do artista, Nova Iorque

JASPER JOHNS

**Das graphische werk 1960–1970: A Rose
is A Rose is A Rose, Mönchengladbach:
Städtisches Museum Mönchengladbach, 1971**
Caixa (21 x 17 x 3 cm) com rosa de plástico,
foto p/b e três folhas de papel enrolados
Coleção de Livros e Publicações de Artista
da Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto

ANA JOTTA

Zambujeira do Mar, 2000

Alumínio fundido (32 elementos)
Instalação: dimensões variáveis
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2006

RAOUL DE KEYSER

Sem título, 2005

Aquarela sobre papel, 15 x 20,3 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2010

ANSELM KIEFER

**Ohne Titel (Landschaft mit Pfeilen) [Sem
título (Paisagem com setas)], 1974**

Óleo sobre tela, 80 x 70 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 1999

FERNANDO LANHAS

P68-84, 1984

Óleo sobre seixo, 2 x 5 x 3,5 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de
Arte Contemporânea, Porto. Doação do
artista 2011

FERNANDO LANHAS

P73-84, 1984

Óleo sobre seixo, 3 x 7,5 x 10 cm

Col. Fundação de Serralves – Museu de
Arte Contemporânea, Porto. Doação do
artista 2011

FERNANDO LANHAS**P74-84**, 1984

Óleo sobre seixo, 2 x 5 x 9,5 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação do artista 2011

FERNANDO LANHAS**P75-84**, 1984

Óleo sobre seixo, 4 x 5,5 x 10,5 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação do artista 2011

FERNANDO LANHAS**P77-84**, 1984

Óleo sobre seixo, 2,5 x 9,5 x 7 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação do artista 2011

ÁLVARO LAPA**Sem título**, 1964

Tinta acrílica sobre aglomerado de madeira
68 x 99 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 2000

ÁLVARO LAPA**Buraco Quase Lírico**, 1971

Esmalte acrílico sobre aglomerado de madeira, 53 x 71,8 cm
Col. Secretaria de Estado da Cultura, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 1990

ÁLVARO LAPA**Museu I**, 1984

Óleo sobre aglomerado de madeira
109 x 136 cm
Col. Secretaria de Estado da Cultura, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 1990

ÁLVARO LAPA**Campéstico**, 1986

Esmalte acrílico sobre aglomerado de madeira, 100 x 150 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1993

LOUISE LAWLER**Birdcalls [Trinados]**, 1972–81

Som (7'01") e texto
LeWitt Collection, Chester, CT

MIGUEL LEAL**A verdadeira Madagáscar**, 2003

MDF pintado, plástico, motores e dispositivos eletrónicos
Col. do artista, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto 2003

REE MORTON**Souvenir Piece [Lembrança]**, 1973

Tinta acrílica sobre tela montada sobre madeira, tinta acrílica sobre madeira, madeira, pedras
c. 224 x 460 x 278 cm (obra instalada)
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1998

JUAN MUÑOZ**Handrail [Corrimão], 1985**

Madeira, ferro, 7 x 162 x 5 cm
Coleção privada, em depósito na
Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Depósito 2000

LUCIA NOGUEIRA**Sem título, 1995**

Aguarela e lápis sobre papel, 28 x 38 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2008

LUÍS NORONHA DA COSTA**Sem título, 1968**

Madeira, vidro espelhado, tinta acrílica
12,5 x 25 x 9,5 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Doação de Nuno
Noronha da Costa 2004

LUÍS NORONHA DA COSTA**Sem título, 1968**

Madeira, vidro espelhado, tinta acrílica
14,5 x 26,7 x 15,7 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de
Arte Contemporânea, Porto. Doação do
artista 2008

LUÍS NORONHA DA COSTA**Sem título, 1972**

Tinta acrílica sobre tela, 200 x 160 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2000

LYGIA PAPE**Caixa de Baratas, 1967**

Acrílico, espelho, baratas mumificadas
10 x 25,5 x 35,5 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2006

SIGMAR POLKE**Für Bild, an der Seite Totenkopfstoff
[Para imagem, ao lado tecido com
caveiras], 1968**

Lápis, tinta-da-china e guache sobre papel
quadriculado, 21 x 14,5 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 1998

SIGMAR POLKE**Sem título, 1968**

Guache sobre papel, 29 x 22,5 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 1999

JOÃO QUEIROZ**Sem título, 2008-09**

Óleo sobre tela, 189 x 287 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2009

DIETER ROTH**Selbstbild als Topfblume [Autorretrato
como vaso de flores], 1971**

Impressão planográfica, 24 cores, 11 formas
de impressão, papel de fabrico manual e
marca de água de Dieter Roth Ed. 70/110
76 x 98,4 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte
Contemporânea, Porto. Aquisição 2002

ROBERT SMITHSON**Crator [Cratera], 1966**

Lápis sobre papel, 28 x 21,3 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de
Arte Contemporânea, Porto. Doação
da Fundação Luso-Americana para o
Desenvolvimento 2009

ROBERT SMITHSON**Crator [Cratera], 1966**

Lápis sobre papel, 28 x 21,3 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento 2009

ROBERT SMITHSON**Crator with Dislocated Radiation [Cratera com radiação descolada], 1966**

Lápis sobre papel, 28 x 21,3 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento 2009

ROBERT SMITHSON**Crator with Reflected Numbers on the Hexagonal [Cratera com números refletidos na hexagonal], 1966**

Lápis sobre papel, 28 x 21,3 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Doação da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento 2009

ÂNGELO DE SOUSA**Chão, 1972**

Filme Super 8 transferido para DVD, cor, sem som, 5'11"
Col. Estate Ângelo de Sousa, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 2000

ÂNGELO DE SOUSA**Muro, 1973**

Filme Super 8 transferido para DVD, cor, sem som, 21'16"
Col. Estate Ângelo de Sousa, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 2000

ÂNGELO DE SOUSA**Ribeiro, 1973**

Filme Super 8 transferido para DVD, cor, sem som, 11'57"
Col. Estate Ângelo de Sousa, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 2000

ÂNGELO DE SOUSA**Flores Vermelhas, 1974**

Filme Super 8 transferido para DVD, cor, sem som, 6'28'
Col. Estate Ângelo de Sousa, em depósito na Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Depósito 2000

PAUL THEK**Golden Web [Teia dourada], 1975**

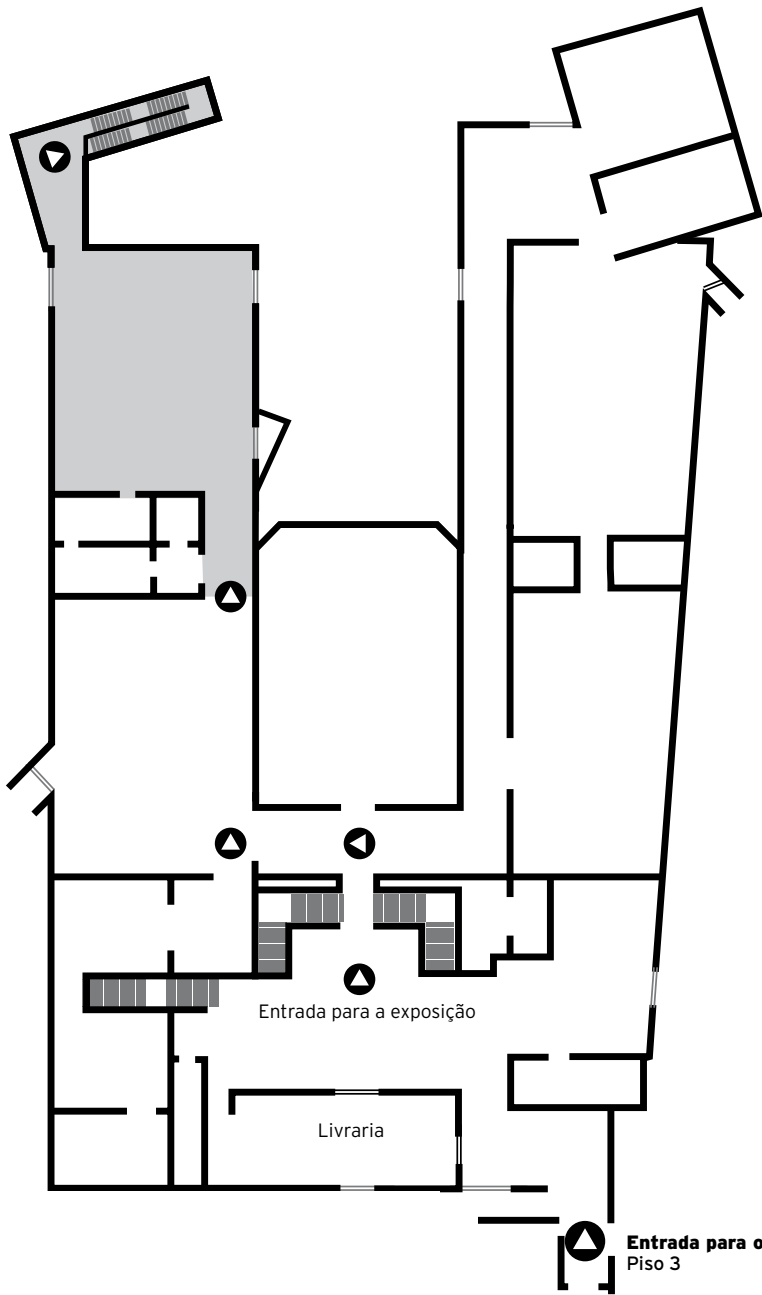
Tinta acrílica sobre jornal, 58 x 84,5 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1998

PAUL THEK**Potato [Batata], c. 1975**

Tinta acrílica sobre jornal, 58 x 84 cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1998

RICHARD TUTTLE**Light and Dark Green Circle [Círculo verde claro e verde escuro], 1965**

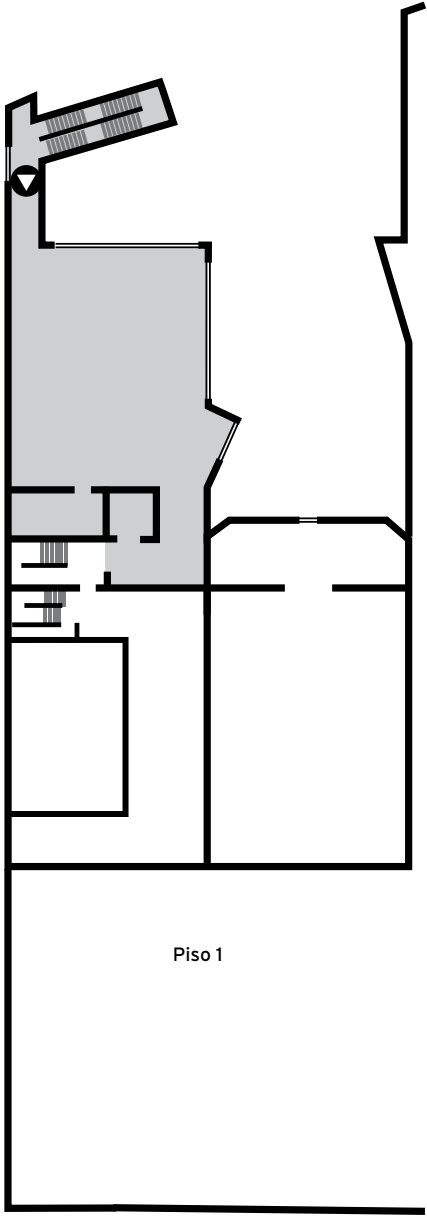
Madeira pintada, 2,5 x 66 Ø cm
Col. Fundação de Serralves – Museu de Arte Contemporânea, Porto. Aquisição 1999



Entrada para a exposição

Livraria

Entrada para o Museu
Piso 3



Piso 1

PUBLICAÇÃO

A mudança de estação na exposição “Pode o museu ser um jardim?” coincide com o lançamento do respetivo catálogo. Este será o segundo volume da série de publicações dedicadas à Coleção de Serralves iniciada em 2014.

Um texto introdutório do curador da exposição curator, João Ribas, e uma antologia de escritos de diferentes tempos e perspetivas times (museológica, arquitetónica, pedagógica, filosófica, poética) abordam a visita ao museu como uma experiência de devaneio e encontro e o significado particular que ela assume no cenário único do the Museu e do Parque de Serralves.

VISITAS GUIADAS E CONVERSAS

Visita à exposição para Amigos de Serralves por João Ribas, Diretor Adjunto do Museu e curador da exposição
14 FEV (Sáb), 16h00 (em inglês)
Galerias do Museu
Lotação: 30 pessoas
Acesso: gratuito

Visita à exposição com Liliana Coutinho, Coordenadora do Serviço Educativo
07 MAR (Sáb), 17h00
Galerias do Museu
Lotação: 30 pessoas
Acesso: mediante aquisição de bilhete Museu e Parque (emitido no dia)

Uma conversa em redor do conceito de deambulação... com um poeta, um artista, um filósofo e um arquiteto paisagista
18 ABR (Sáb), 16h00
Galerias do Museu
Lotação: 30 pessoas
Acesso: mediante aquisição de bilhete Museu e Parque (emitido no dia)

Partindo da forte relação que uma vasta geração de artistas portugueses tem com a natureza, o bucolismo, ou mesmo a obra de Thoreau, esta sessão, pensada por Margarida Mendes, curadora do projeto The Barber Shop, pretende dar espaço a testemunhos que assumem o próprio ato de caminhar ou divagar como ferramenta essencial para reflexão.

Visita à exposição com João Ribas,

Diretor Adjunto do Museu e curador da exposição

16 MAI (Sáb), 16h00 (em inglês)

Galerias do Museu

Lotação: 30 pessoas

Acesso: mediante aquisição de bilhete Museu e Parque (emitido no dia)

Visita à exposição com João Ribas,

curador da exposição e Diretor Adjunto do Museu de Serralves

12 SET (Sáb), 16h00 (em inglês)

Galerias do Museu

Lotação: 30 pessoas

Acesso: mediante aquisição de bilhete Museu e Parque (emitido no dia)

Conversa com Michael Marder, filósofo

11 JUL (Sáb), 16h00

Galerias do Museu/Biblioteca

Lotação: 30 pessoas

Acesso: mediante aquisição de bilhete Museu e Parque (emitido no dia)

Visitas guiadas a todas as exposições patentes no Museu

Sábados: 16h00-17h00 (em inglês)

Sábados: 17h00-18h00 (em português)

Domingos: 12h00-13h00 (em português)

Lições Vegetais: O que nos podem ensinar as plantas

De certa maneira, devíamos imitar as plantas. A maioria das vezes, não prestamos qualquer atenção aos significados do mundo vegetal. Não ouvimos o que ele nos diz. No entanto, os seus ensinamentos podem ser úteis para a nossa vida e para o nosso comportamento em relação aos outros e ao ambiente. Onde aprendemos também importa: num museum, num jardim ou num museu-jardim. Essa atenção ao papel da aprendizagem e do crescimento é mais uma das lições que nos ensinam as plantas.

Programação / Coordenação de Serviço

Educativo: Liliana Coutinho

Produção: Cristina Lapa e Diana Cruz

Michael Marder é Professor Investigador Ikerbasque no Departamento de Filosofia da Universidade do País Basco (UPV-EHU), Vitoria-Gasteiz. A sua escrita abrange os campos da fenomenologia, do pensamento político e da filosofia da vida vegetal. É autor de seis monografias: *The Event of The Thing* (2009); *Groundless Existence* (2010); *Plant-Thinking* (2013); *Phenomena-Critique-Logos* (2014); *The Philosopher's Plant* (2014); e *Pyropolitics* (2015).

Uma proposta de Margarida Mendes

A exposição "Pode o museu ser um jardim?" é comissariada por João Ribas, Diretor Adjunto e Curador Sénior do Museu de Arte Contemporânea de Serralves.

Coordenação da exposição: Isabel Sousa Braga

Desenho da exposição: Filipa Alfaro

Apoio institucional



Projeto "Serralves - Património Classificado" cofinanciado por:



Mecenas Exclusivo do Museu



Seguradora Oficial: Fidelidade – Companhia de Seguros, S.A.

Fundação de Serralves / Rua D. João de Castro, 210, 4150-417 Porto / www.serralves.pt / serralves@serralves.pt / Informações: 808 200 543
PARQUE Entrada pelo Largo D. João III (junto à Escola Francesa)